

Director, Proprietario e Editor
Ferreira da Silva
Redacção, administração,
composição e impressão
Rua de Alportel, 23 a 27
SEMANARIO INDEPENDENTE
NUMERO AVULSO 30 CENTAVOS

O ALGARVE

O ALGARVE É O JORNAL QUE A TODOS INTERESSA.
ANUNCIAR NELE É TER A CERTEZA DE UM BOM EXITO.

Contribuições

A confirmar o que sobre este assunto dissemos no nosso último número está o facto dos clamores que até nós teem chegado, daquelas pessoas a quem já foram distribuidos os avisos para pagamento da Contribuição Industrial referente ao ano económico de 1932-1933.

Não escapou ninguém; todos, absolutamente todos, teem que pagar mais; até mesmo aqueles que, tendo escapado ao aumento do volume de transações, julgavam, logicamente, que a sua colecta não fosse superior à do ano antecedente. Mas não sucedeu assim. E porquê, se o Estado não aumentou os coeficientes nem criou matéria nova neste assunto?...

E' espantoso!!!
E lembrarmo-nos nós que poderíamos estar livres destas perturbações que tanto prejudicam a economia local, levando casas importantes, umas ao encerramento e outras à transferência dos seus negócios para concelhos onde se procura não prejudicar o Estado mas fazer uma politica de protecção às actividades económicas locais, num gesto absolutamente lógico e compreensivo de bairro e bom-senso que se traduz em desenvolvimento e aumento de receitas...

Sempre o cruel destino a perseguir-nos.

O novo Governo

Ficou assim o constituído o novo governo.

Presidencia e Finanças, *Dr. Oliveira Salazar*; Marinha, *Comandante Mesquita Guimarães*; Comércio, Industria e Agricultura, *Engenheiro Sebastião Ramires*; Justiça, *Dr. Manuel Rodrigues*; Colónias, *Dr. Aminda Monteiro*; Obras Públicas e Comunicações, *Engenheiro Duarte Pacheco*; Interior, *Dr. Albino dos Reis*; Estrangeiros, *Dr. Cezar Mendes*; Guerra, *General Daniel de Sousa*; Instrução, *Dr. Gustavo Ramos*.

Interinamente, gerem as pastas dos Estrangeiros e das Colónias, respectivamente os srs. Mesquita Guimarães e dr. Manuel Rodrigues.

Do ministerio fazem parte dois algarvios, os srs. dr. Duarte Pacheco e Sebastião Ramires.

D. Manoel de Bragança

Na ezeja paroquial de S. Pedro celebrou-se ontem, ás dez horas e meia da manhã, uma missa em suffragio da alma do que foi Rei de Portugal mandada rezar por um grupo de senhoras da nossa sociedade.

Foi celebrante o rev.º padre João Bernardo Mascarenhas. O templo achava-se repleto de fieis.

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

O Livro da capa verde

Sob o signo da Cartilha Maternal

Falei atrás da *Festa da Árvore* promovida pelo *Século*, julgo que em 1913, não me lembra o mês nem o dia. Foi festa precedida do ensaio do *Hino das escolas*, aquele hino que começava pelo conhecido imperativo: «O escolas, semeai, ó escolas semeai, o Amor, a Vida, a Luz, a limpida Verdade!» Disse-se que o hino começava assim. Talvez não começasse. O certo é que metia essa esrofe, que, agora, não sei porquê, me evoca leituras do ambiente da Revolução Francesa.

Ensaia-vos um velho mestre da filarmónica da aldeia, que nem sempre tinha aquela paciência chamada evangélica que é preciso ter para quem se mete a domar crianças. Ouidos obtusos, como o meu, havia-os numerosos, nesse orfeão de dezenas de petizes endiabrados, e que faziam de fel e vinagre o pobre regente. Os ensaios desse famoso hino, que nós depois passámos a berrar em todos os fins de dia lectivo, eram a coisa mais tragicò-cómica deste mundo. Era uma tragédia para o bom do homem o meter-nos na ordem, perfilados que nem soldados, e o conseguir-nos fazer aprender certas *nuances* de voz, que, crianças selvagens como eu, eram incapazes de apanhar. Para nós tudo aquilo era divertimento, pretexto para esgares funâmbulescos, atitudes apalhadadas, gestos duvidosos, ditos irreverentes.

O caso é que o hino foi aplaudido, no dia da festa, por gregos e troianos, como um primór. Esse dia foi memoravel nos anais da petizada. A entrega das pequeninas árvores a plantar por cada um de nós foi feita na Câmara Municipal. Organizou-se depois um cortejo cívico—parece que é cívico que se diz—que agora me lembra o aspecto de procissão sem santos, e onde as tochas eram substituídas por pequeninas árvores, que nós havíamos de plantar numa praça contigua à escola, em cova já aberta para esse fim. A plantação dessa árvore, se eu fosse supersticioso, devia levar-me ao agouro de que nunca em vida minha seria capaz de produzir qualquer coisa. A árvore não pegou. E outras, que sucessivamente a foram substituindo, tiveram julgo que a mesma sorte.

Armou-se na praça um corêto para as personagens importantes (devia haver algumas cartolas, não me recordo bem), e foi desse ponto elevado que meu mestre lançou o seu discurso, que, depois de impresso, eu e mais dois petizes vendêmos, a tostão, a quem possuísse algum latim. E por latim: foi nesse discurso que aprendi a minha primeira máxima latina, que depois pela vida adiante me tem servido de muito: *verba volant, scripta manent*. Era assim que meu mestre se justificava de escrever o seu discurso, aliás bem feito.

Houve recitação de poesias, em péssima dicção, tudo desculpável, se nos lembrarmos que se tratava de crianças.

A Festa da Árvore provocou-me à digressão sobre coisas e métodos de ensino. Ou eu não fosse ensinador de meninos!

Essa festa foi realmente simpática, sobretudo para a rapaziada, que nesse dia teve um feriado, o dia sempre apetecido de quem trabalha numa coisa que lhe é quasi repugnante. Depois da festa, sinto-o agora que estou evocando êsses volvidos tempos, não fiquei com maior amor pelas árvores. Antes tenho bem presente de que, depois desse episódio da minha vida escolar, muitas vezes me diverti a apedrejar as árvores, só pelo prazer de apedrejar.

E' que a escola primária, tal qual existe ainda hoje, é simplesmente detestavel, pelo que tem de livrésca, alheia à vida social e à Natureza. Nem nela

aprendêmos as linhas gerais da vida social, onde, depois, iríamos mergulhar, nem nos habituámos a amar a Natureza. O ensino agrícola, que podia e devia fazer-se para além da escola, alheio a livros, nunca se fez. Devêra cada criança, ou cada grupo de crianças, tomar à sua conta a cultura de um pequeno trato de terra com árvores por nós plantadas, e por nós cuidadas. Assistindo ao nascimento e desenvolvimento das nossas sementeiras é que poderíamos criar aquele amor pela árvore e pela agricultura que festa alguma da árvore, com ares de procição e empertigada, jamais consegue criar, seja em quem fôr.

E, no entanto, era dos programas o ensino da agricultura.

Mas que agricultura! Tinhamos um livro realmente adequado a crianças. Era de Xavier Pereira Coutinho, o autor das melhores *Botânicas* que temos em Portugal. Isso, porém, não era o bastante. O livro é um guia, e mais não deve ser. Tudo que nêle se indicava devia ser feito *praticamente* pelas crianças, o que não era um impossível na aldeia. Não o sabendo fazer o professor, escolhia alguém que o soubesse. Fazer um enxêrto de mergulhia, ver um lagar trabalhar, crestar uma colmeia, criar bichos da séda, observar folhas de videira atacadas de oídio e mildio, etc., etc. tudo isso é interessante se feito pessoalmente pelas crianças, na própria realidade, para além da letra de fôrma, onde tudo é môrto.

De ciências da Natureza tinhamos um livrinho de mau aspecto gráfico, onde aparecia um esqueleto nada inteligivel e outras quantas gravuras, só notáveis pela imprecisão de contornos. Para tudo dizer:—uma miséria editorial, que se vendia por três ou quatro vintens. Portugal continha numa pobreza gráfica sem igual no que respeita a livros de ensino.

Não se tem respeito pela criança. Esquecem os autores (todos uns gananciosos) que, com os seus abôrto, só conseguem matar a curiosidade infantil. Aqui tenho eu um livro de ciências naturais e físicas, de Fonteseré, feito em Espanha, e para crianças, que é simplesmente uma maravilha gráfica. Os bonecos são absolutamente transparentes de clareza Nada se afirma no texto que não venha acompanhado da respectiva corroboração gráfica. Esse livro é um prodígio de intuição da mentalidade infantil. O autor não se esqueceu um momento de que escrevia para crianças. Dirigindo-se *«al niño, o niña, a parar este ejemplar»*, diz o autor do livrinho em questão: *«Durante muchos meses, mientras escribia esta obrita, mi pensamiento ha estado fijo en ti. Contigo, sin conocerte, he conversado largas horas en el silencio de mi quarto de estudio»*.

Ora, os autores portugueses, se com algum conversam, é com os seus botões, para lhes perguntar os possíveis lucros a tirar duma obra que, didacticamente, envergonharia um môrto, quanto mais um vivo! O caso é que os autores portugueses, na sua maioria, perderam todo o pudor intelectual e moral.

Mas, claro está, mesmo que o livro-texto fosse excelente, havia aqui que repetir o que já dissemos para a agricultura. O livro é um orientador, ou sistematizador, como lhe quizermos chamar. Que a criança adquira o gôsto pela observação da realidade e pela experiência. Que ela redescubra por si o já conhecido por mais banais que sejam as suas descobertas.

(Conclue na 2.ª pagina)

O comercio DE frutos secos

Em-fundo da «pagina quinzenal», publicada na ultima semana, versámos mais uma vez a situação deste importante problema regional, focando-o em relação à «marca nacional» que vai, agora, ser regulamentada e posta em vigôr.

Algumas das passagens dessa cronica geraram um certo mal estar, quer nos produtores, quer nos proprios exportadores.

Devêmos dizer—o que fazemos sinceramente—que qualquer das classes nos merecem o maior respeito e apreço, môrmente todos aqueles que vêm pugnando pelo alevantamento e prosperidade desta importantissima riqueza regional, que, mercê do abandono a que tem sido votada pelo Estado, não tem sofrido quaesquer impulsos de melhoria, que não sejam os providos dos proprios interessados e que nem sempre têm tido a sorte de vingar.

As nossas palavras, então, como hoje, não visam as pessoas ou as proprias colectividades, tanto mais que os esforços isolados de cada um, na sua restrita esfera de acção não podem proporcionar a melhoria, justamente aguardada por todos.

Os adjectivos applicados nessa cronica não visavam outro fim—o contrário seria improprio de nós—que não fôsse o de marcar a facilidade com que o negocio da exportação de frutos secos pode ser exercido por qualquer e que no interesse dos actuaes exportadores e no dos proprios produtores ha toda a vantagem em resolver este problema por forma que satisfaça todos os interessados, coisa que a criação da «marca nacional» não pode de forma alguma resolver.

Estamos certos que todos os interessados nos não-de dar razão, reconhecendo implicitamente a nossa isenção e os nossos esforços para que o Algarve prospere e não continue numa situação precaria de dificuldades, que podem, num futuro proximo, acarretar prejuizos incalculaveis.

Não nos movém interesses pessoais, nem eles teriam cabimento aqui e se alguém, por ventura, se sentiu agravado com as nossas expressões, aliás escritas com um fim diametralmente oposto ás interpretações dadas, têmos a maior satisfação em repetir que da nossa parte não ha, nem houve, a intenção de ferir susceptibilidades.

O nosso proposito unico é concorrer, na medida do possível, para o progresso de todos os ramos vitais da nossa provincia, entre os quais justamente destacamos a produção e exportação de frutos secos, pela multidão de interessados que este ramo vital representa, pelos que nele empregam a sua actividade.

Assim, quanto a nós, muito concorreria para a melhoria das condições economicas do Algarve, o que passamos a enunciar:

Garantias para os actuaes exportadores pela limitação do numero ás firmas já existentes; seu revigoramento pela organização em sociedade, com um capital minimo a determinar, dos que exercerem este comercio em nome individual.

Criação de um organismo especial, composto de 5 individualidades, em cujo numero figurem dois representantes dos exportadores, com o fim de contribuir por um estudo aturado, para a melhoria do comercio e produção de frutos secos; facultar a este organismo a concessão de licenças para outras firmas que ao abrigo da lei pretendam exercer identico comercio.

Obrigatoriedade de domicilio no Algarve para as firmas que exerçam o comercio de frutos secos.

(Conclue na 2.ª pagina)

CARTAS DE ANGOLA

Na manhã de 20 do mez que finda hoje, partiu o sr. dr. Armino Monteiro para a sua excursão através da Colonia. Acompanham-no sua Esposa, o Governador Geral, officiaes ás ordêns e os representantes da imprensa metropolitana e de Loanda, que para tal foram convidados. E' uma longa viagem, num percurso total de cerca de 6.400 quilometros a realizar de automovel em 28 dias. Do itinerario consta a visita ás principaes rexiões de Angola e está prevista uma romagem á Mongua, no extremo sul, em homenagem aos nossos militares que, sob as ordens do bravo Pereira d'Eça, encontraram a morte no heroico combate ali sustentado em 1917 e quando da revolta dos Cuanhamas, devendo-se efectuar uma parada em que tomarão parte uma companhia de desembarque de marinha e duas companhias de infantaria indigena.

Esta viagem do sr. Ministro das Colonias pode ser muito proveitosa, por pôr S. Ex.º em contacto directo com as reclamações e necessidades das mais importantes localidades angolanas; pena é ser feita *à vol d'oiseau* e a escassez de tempo não permitir que decore com mais lentidão, sem ser a devorar quilometros, pois que assim poderia o sr. dr. Armino Monteiro apreender um melhor e mais completo conhecimento sobre as possibilidades effectivas de Angola, ficando mais perfeitamente habilitado a curar das medidas eficazes para o seu fomento e para o seu desenvolvimento economico.

E' de presumir que, depois de bem se ter pôsto a par das diversas facetas do problema angolano, o sr. dr. A. Monteiro lime as arestas que existem em providencias que estatuiu quanto á Colonia, de modo a dar-lhes a completa eficiencia que por enquanto não possuem, como a pratica vem demonstrando.

A ameaça da peste bubónica que impende sobre Angola, vinda da Damaralandia onde é endémica, e a que já me referi, está-se tornando efectiva e vem apresentando aspectos bem preocupantes. Prevê-se, e parece que com fundamentadas razões, que o mal alaste e se instale nas regiões meridionais, creando aí focos d'infeção donde se poderá propagar ás restantes da Colonia. E' pelo menos isto o que deixam antever as entidades officiaes.

Como se sabe, é o rato o principal veiculo dos micróbios pestíferos, e já está apurado que bandos enormes desses roedores atravessam a nossa fronteira, fugindo do antigo sudoeste alemão com uma deslocação diaria de dez quilometros.

Atendendo á extensão dos nossos territorios mais directamente sob o perigo do contágio, é difficil, e não impossível, dar combate eficaz aos indesejaveis invasores e, segundo um artigo há dias publicado na «Provincia de Angola» da autoria do sr. dr. Damas Móra, chefe dos serviços sanitarios, já nada ha que nos livre da epidemia se estabelecer na Colonia.

Já ha anos a peste grassou com alguma intensidade nos distritos do sul, nomeadamente em Mossamedes, onde mesmo não chegou a ser extinta de todo, matendo-se ainda num estado latente, e dali alastrando a quasi todo o litoral angolano. Mas a ameaça presente é muito mais importante, pois que incide sobre o *hinterland*, o que torna difficil e morosa a applicação das medidas profiláticas e de desratização. O rato do litoral, forçado a emigrar do seu *habitat*, não encontra as condições de vida que lhe são essenciaes

e morre. Assim, é incomparavelmente mais conseguivel e rapido combater e exterminar os focos d'infeção que surjam nas regiões costeiras, do que os que apareçam nos dilatados territórios do interior, originados pelos ratos do campo que, embora afugentados dum local, logo noutro local acham similares meios de vida.

Só uma esperança resta: é a de que a epidemia seja benigna, não apresentando caracter muito virulento. Que ela se instale em nossa casa, já nada o pode impedir. Resta saber por quantos anos teremos de lhe dar hospitalidade até ser expulsa de vez.

O combate já começou com a intensidade possível e agora é aguardar os resultados. E até lá, coreação á larga que afinal tanto faz morrer duma coisa como doutra...

Tem jús a todos os elogios a iniciativa de trazer até Angola e Moçambique um grupo de jornalistas da metrópole, pois que força alguns dos principaes jornaes de Lisboa e Porto a referirem-se durante longo tempo e com noticias detalhadas aos dois mais importantes dos nossos dominios ultramarinos.

Essa propaganda oferece muitas probabilidades de colher exito, por desvendar ás massas metropolitanas o que são e o que valem as nossas colonias, tirando o grande publico do desconhecimento que man em sobre esse assunto.

Tenho escrito, e mantenho inabalavel convicção, que o êrro fundamental da nossa gente, é o de se encerrar Portugal como um paiz agrícola, quando a verdade historica, a que se não quer olhar, mostra bem que nós somos essencialmente um paiz colonial.

E' um lugar comum que o futuro portuguez está nas colonias, mas essa expressão, embora pela vulgarização que lhe foi dada, se incluía entre as *frases feitas*, oferece toda a realidade e poucas, como ela, tem um significado tam verdadeiro.

Da *mise-en-valeur* das extensas e ricas regiões onde tremula a bandeira das quinas, exploradas conscienciosamente as possibilidades que elas apresentam, é que surgirá o próspero *amanhã* do todo portuguez, impondo o bloco nacional á consideração das demais potencias e fazendo-o reocupar o lugar que a tradição nos indica no concerto universal.

Até lá, é certo haver muito que labutar, mas o caminho é em frente e os escôlhos a vencer não são de criar desalentos.

Um dos melhores elementos, e não o melhor, para se formar a indispensavel consciencia colonial no nosso Povo, reside na publicidade que a Imprensa pode dar a esse objectivo. Mas é razão de atender a boa orientação que presida a tal campanha, pois que artigos no genero do que o «Diario de Noticias», de Lisboa, publicou ha tempo, sob o título *As colonias a que chamamos nossas*, só alcançam effeito contraproducente, não se podendo admitir que um jornal com as responsabilidades daquelle, dê guarda a tanta estulticia como as que continha o arrasoado.

Acalento as melhores esperanças que resultados proficuos advirão da visita dos jornalistas que andam percorrendo Angola e que seguirão para Moçambique em igual missão com o sr. dr. Armino Monteiro. A observação directa, a que vão procedendo, habilita-os com os necessários ensinamentos para poderem proveitosamente pregar a nova cruzada nacional.

Loanda, 31-5-32.

José Bramão

O commercio DE frutos secos

(Continuação da 1.ª pagina)

Solicitar do Estado as medidas que fôrem de aconselhar para a protecção, nos paizes consumidores, da nossa exportação.

Obrigatoriedade da «marca nacional» depois de estar estabelecida a obrigação dos produtores se constituirem em cooperativas de produção.

Concessão, pelo Estado, ás cooperativas ou sindicatos, dos créditos necessários para a criação de armazens em condições higienicas para a classificação e acondicionamento dos figos; entrega de material adequado, pelo Estado, aos referidos organismos para pulverizações de combate aos parasitas que infestam as figueiras e bem assim de estufas ou camaras de desinfectação.

Criação de «Bolsas Comerciais» para o negocio dos frutos, onde os produtores ou cooperativas de produção realizem as suas vendas e os exportadores as suas compras; os productos a transaccionar nestas «Bolsas» devem vir em condições ou seja conforme o regulamento da «Junta Nacional de Exportação de Fructas».

Satisfação das reclamações do «comercio de exportação» contra a forma de cobrança da Contribuição Industrial, sendo esta substituída por imposto a cobrar nas Alfandegas.

Pelo que fica enunciado, demonstra-se que os nossos propósitos são simples e só carecem de boa compreensão e da coesão dos interessados, e estão, portanto, bem longe de querer ferir ou atingir quem quer seja.

Fernando Pacheco

Inovação util

A acreditada agencia funeraria Domingos Dias Neto, desta cidade, adquiriu um carro automovel funerario, que brevemente entrará em serviço.

E' digno de louvor o gerente daquela agencia, dotando a sua casa com um auto funerario tão preciso nes.a epoca de velocidades.

O Livro da Capa Verde

(Continuação da 1.ª pagina)

Só assim se adquire o espirito científico. E não se argumente com a impossibilidade de na escola primaria fazer experiencias. Como disse não sei quem, «tudo está tudo». A questão está em o professor saber de-entrañar do aparentemente insignificativo os vários problemas que êle encerra.

Ora eu, no meu estudo (?) de ciências naturais, nem ao menos vi um termómetro que fôsse. O mercúrio de que me falavam era para mim ultra-teórico, porque nunca o vi. E que vi eu de palpável, que experiencias fiz, que observei com espirito interrogador, sob a direcção dum mestre solícito? Nada, absolutamente nada.

Também nós, pequenitos, tínhamos desenho. Mas que desenho! Consistia na cópia servil dos bonecos do compêndio adoptado... com a sanção aprovadora official. Onde o extraordinario valor educativo das qualidades de observação que o desenho dos próprios objectos desperta? De certo que os primeiros contornos dos objectos saem hesitantes. Mas é assim desde o homem das cavernas, valha-nos Deus! Não é tempo perdido o gasto nos tentames repetidos do esboço dum objecto. A dextreza de mão, a visão mais exacta da realidade, os segredos da técnica, tudo isso só se consegue gastando tempo—mas um tempo proveitosissimo para a confiança que leva ao pequenino desenhador. O que o trabalho perde em perfeição aparente, ganha em espirito criador, o que é fundamental, o que é tudo.

De modo que, fazendo agora o balanço do que aprendi em De enho, concluo que nada aproveitei dum matéria essencial: imo no desenvolvimento da intelligência.

Oruz Malpique

O dia de Côrte Real

João Vaz Côrte Real, celebre navegador do século XV, atingiu em 1472 as costas da América setentrional. Seus filhos Vasco e Miguel foram, igualmente, nautas distintissimos.

Acaba o facto de ser com memorado na Sociedade de Geografia.

O sr. dr. Antonio Cabreira, muito judiciosamente, reivindicou para o Algarve a honra de ter sido a terra natal de tão ousados navegadores.

O Algarve não deve mergulhar-se no doentio indifferentismo que parece pesar, faticamente, sobre todas as passadas glorias da Pátria.

Se os Côrte Reaes constituem uma pleiade de heróis e cientistas que a Pátria não deve lançar à vala do esquecimento, cabe ao Algarve a honra de ter sido berço do maior numero dos membros dessa familia, a todos os titulos illustre.

Vasco Annes da Costa, o primeiro que usou o apelido «Côrte Real», foi cavaleiro da Casa Real, armeiro mór, fronteiro-mór do Algarve e alcaide-mór de Tavira. Era natural ou, pelo menos, residente naquela cidade.

Aliando uma invulgar força física a uma coragem illimitada, o fronteiro mór do Algarve notabilizou-se por seus actos guerreiros em Inglaterra, em Ceuta, etc.

El-Rei fez-lhe mercê d'algumas propriedades e de poder «fazer dous moinhos em Tavira, por cartas de 8 e 30 de Junho de 1459.

Em 18 de Junho de 1459 foi provido em Caudel-mór daquela cidade e seu termo.

Foi um de seus filhos, João Vaz Côrte Real, o nauta agora homenagiado.

Fixaram-se vários membros desta familia no Algarve dando origem a uma enorme lista de homens notaveis na carreira das armas, das letras, da arte.

E' vasto o numero de Côrte-Reaes que foram camaristas em Tavira; citarei apenas, nesta rapida noticia, Vasco Annes Côrte Real (1483); Fernão Vaz Côrte Real (1516); Pedro Vaz Côrte Real (1520); Diogo Viegas Côrte Real (1521); Cristóvão Viegas C. Real (1524); Diogo Vaz Corte Real (1576); Vasco Annes Corte Real (1586); e desde então até 1700 figuraram como camaristas muitos membros de tão nobre familia, entre os quais Pedro de Mendonça Côrte Real e Diogo de Mendonça C. Real.

Um outro ramo se estendeu por Barlavento do Algarve. O bacharel em leis, Manoel de Atayde C. Real, que, tendo-se dedicado á vida eclesiastica, foi vigário geral, visitador do bispado pelo Cardeal Pereira, escritor e orador sagrado, era natural de Portimão. Existem ainda nesta Provincia varios descendentes de tão inclitos varões, achando-se a referida familia representada em Faro pelo illustre clinico o dr. Francisco Vito Mendonça C. Real e pelo artista insigne o poeta dr. Francisco Xavier Candido Guerreiro.

Do primeiro daqueles senhores existem quatro filhos: o senhor Francisco Castel Branco C. Real e as sr.^{as} D. Tereza, D. Francisca e D. Maria Castel Branco C. Real; do segundo existem dois filhos: a sr.^a D. Agar de Sousa Guerreiro da Franca e sr. Othman de Sousa Guerreiro da Franca.

Envolvamos pois o Algarve na glorificação dos nautas e dos heróis repetindo a frase do grande poeta:

«Ditosa Pátria que tais filhos tem»

Faro, Julho de 1932.

Paula Costa Junior

Antonio Tomaz Ramos (Sobrinho)

Especialidade em armarios e calças isoladoras para gelo, apropriadas para conservação de generos, frutas, peixe, carnes, vinhos, liciores, etc, etc.

Fazem-se todos os trabalhos concernentes a isolamentos frigorificos em casas, tanques, encanamentos, etc, etc.

Rua Ferreira Neto 22-24

FARO

O ALGARVE, vende-se na Livraria Capela

Camara Municipal de Faro

NOTA OFICIOSA

A'cerca do momentoso problema da cobrança de minimos por parte da firma concessionaria de energia electrica a esta cidade, a Comissão Administrativa da Camara Municipal de Faro torna publico o seguinte:

Que mantem em absoluto a doutrina expressa da sua nota officiosa de 11 de Junho do corrente ano.

Que, como na referida nota se informa o publico, a cobrança dos minimos, por força do disposto no § 3.º do art.º 17.º do contracto de trez de Junho de 1920, nesta parte não alterado por qualquer disposição posterior, deve encontrar-se estipulada e fixada, como garantia para o concessionario, na apólice de fornecimento de energia aos consumidores, apólice aquela que é, nem mais nem menos, do que o contracto por eles estabelecido com o concessionario.

Que, por força do disposto no corpo do mesmo art.º 17.º as referidas apólices, quando elaboradas, são apenas validas por dois anos carecendo por isso de ser renovadas e redigidas em conformidade com os modelos a estabelecer de comum acordo entre a Municipalidade e o concessionario.

Que, tendo procedido ás necessárias averiguações, verificou que não existem apólices elaboradas nos termos prescritos naquelle artigo, porquanto nada consta sobre a sua aprovação por esta Municipalidade, pelos menos nos ultimos dois anos.

Que, independentemente da sua aprovação pela Camara, as mesmas apólices teriam que ser aprovadas no antigo Ministerio do Comercio e Comunicações, antes de entrarem em vigor, o que está averiguado se não fez.

Que, nestes termos, não tendo base legal ou contratual em que possa basear a cobrança dos minimos, essa cobrança por parte do concessionario representa um abuso, que se transformará numa verdadeira extorsão, desde que seja feita com ameaça e a prática do côrte da luz.

Que, no caso deste côrte pretender a vir a efectivar-se, devem todos os consumidores procurar evita-lo consoante os meios de que disponham e apresentar a sua immediata reclamação, por escrito, nesta Camara, a fim de ser enviada a competente participação á Direcção dos Serviços Electricos.

Que de igual forma devem proceder todos aqueles a quem a firma concessionaria tenha já cortado a luz.

A'cerca do prometido embaratecimento do preço da energia electrica a Camara torna publico o seguinte:

Que igualmente mantem sobre o assunto o ponto de vista expresso na sua nota officiosa de 11 de Junho do corrente ano.

Que, tendo posteriormente surgido o conhecimento de uma deliberação camararia tomada em sessão de 13 de Junho de 1929, cuja existencia esta Comissão ignorava e em que se estabelece uma nova base para o preço da energia electrica, base essa que, até no presente momento, poderia provocar um sensível aumento no preço da mesma, se viu forçada a orientar a sua acção em sentido diferente.

Que tendo procedido ao estudo da referida deliberação, verificou que a mesma nunca entrou em vigor, como de resto a propria firma concessionaria em sua correspondencia arquivada nesta Camara o reconhece, nem mesmo podia entrar sem aprovação do Governo, por força do disposto no § unico do art.º 23.º do Decreto n.º 14.829 de 5 de Janeiro de 1928 e de ser reduzida a escritura nos seus precisos termos.

Que, em face disto, a referida disposição não se encontra em vigor, sendo o preço da energia electrica um preço meramente tolerado, sem qualquer base legal ou contratual em que se fundamente.

Que nestes termos, consoante o disposto no § 1.º da clausula 3.ª do contracto adicional de 3 de Junho de 1924, unica disposição referente a tarifas actualmente em vigor, o preço da energia electrica será devidamente fixado no proximo dia 20 de Agosto, data para o efeito prescrita naquelle clausula, visto não o poder ser antes, e salvo se até lá a firma concessionaria se encontrar disposta a elaborar com esta Camara um novo e definitivo contrato de fornecimento de energia, em que os interesses da Camara e dos Municipios sejam devidamente acautelados.

Findas estas considerações que houve por bem trazer a publico a fim de que os Municipios verifiquem que os seus interesses são devidamente ponderados pela Camara, a Comissão Administrativa da mesma pede a todos que aguardem com a maior serenidade o resultado das diligencias que por ventura se verá forçada a levar a efeito, sejam quaes elas forem, não lhe negando o apoio moral que neste momento se torna indispensavel para que a firma concessionaria do fornecimento de energia electrica á cidade de Faro entre de uma vez para sempre no regime de rigoroso cumprimento dos seus deveres.

Faro, 8 de Julho de 1932

O Presidente da Comissão Administrativa,

Mario Augusto Lyster Franco

Festas da Cidade

Por ser materialmente impossivel proceder aos trabalhos necessarios para a realização das Festas da Cidade, ficam estas adiadas para occasião oportuna.

Junta Nacional de Exportação de Fructas do Algarve

Em nome da Delegação da Junta Nacional de Exportação de Frutas do Algarve, tenho a honra de convidar os productores e exportadores de figo do Algarve a reunirem no proximo dia 12 do corrente, pelas 14 horas, na Sêde da Federação dos Sindicatos Agricolas do Algarve, em Faro, afim de ser apreciado o projecto de Regulamento da «Produção e Comercio de passa de figo».

Tratando-se de assunto de capital importancia para a economia desta provincia, roga-se instantaneamente a comparencia dos interessados.

Faro, 7 de Julho de 1932

O Presidente,

(a) Fernando Barbosa y Pego

Aos lavradôres

SELECÇÃO DE TRIGO

É de toda a conveniencia que os lavradôres, que tiverem trigo a selecção, o tragam immediatamente ao Sindicato Agricola de Faro porque o crivo tem de ir para outras localidades.

Iluminação Publica

Está-se procedendo, com a maior actividade, á colocação das colunas para os nossos candieiros de iluminação publica, no jardim, praça e rua D. Francisco Gomes.

Festas a Nossa Senhora do Carmo

Tem sido muito concorrida a novena, cantada por senhoras, que em honra de N. S. do Carmo se tem vindo realizando na sua igreja, que se acha lindamente ornamentada.

Na proxima quinta feira, á hora da novena, terá lugar a benção da imagem do Beato Nuno de Santa Maria, havendo sermão.

Na sexta feira á tarde realisa-se a procissão de N. S. do Carmo, que ha muitos anos não se faz, tocando no couce a excelente filarmónica União Marçal Pacheco, de Loulé, que tocará tambem na noite, durante a quermesse.

No sabado terá lugar a missa da festa, com Sermão e na noite o encerramento da novena.

D. Marcelino Franco

Encontra-se melhor o virtuoso Prelado da Diocese que em Tavira, onde se encontrava, adoeceu com certa gravidade.

MUNDANISMO

D. MANUEL

Morreu o Rei. Lá longe, perante o corpo ainda quente desse homem, que, através de todas as vicissitudes da vida, soube ser português, o arauto palaciano não pronunciou as frases protocolares: «morreu o Rei, viva o Rei». O arauto foi o telegrafo, depois o povo, que comovidamente estacionou em frente dos placards e levou a triste nova por toda a cidade.

Morreu o Rei. Nesta hora amarga do recordar, quantas consciências se abatem trémulas ante a imagem daquele desditoso moço, que renegaram e traíram?

Morreu o Rei. Há lágrimas em corações agradecidos, mas serão elas o bastante para diluir o bloco de rancor, filho de perverso ideologismo político, que nem sequer desarma perante a morte?

Morreu o Rei, certo. A incerteza de um minuto converteu-se em amarga realidade, tal como, há anos, os amigos certos ressurgiram em detractores cobardes.

Morreu o Rei. Quantas inimidades de então não assistem comovidas ao desfazer a nuvem, hoje símbolo da sua fé?

Morreu o Rei. Há quem o murmure em voz baixa com um remorso, há quem o grite numa saúdade!

Rei, homem, simples homem, é aquele que vejo no exílio, mas nunca esquecendo o seu nome de português. Portugal, o sol de Portugal, ia até lá longe aquecer aquelle coração enregelado, mas sentido do engrandecimento e de amor pela sua Pátria—a nossa Terra!

Que exemplos de lealdade para tantos outros que, também no exílio, para onde os atiraram os seus irmãos em crenças, esquecer o nome sagrado de Portugal, para sómente arguerem bem alto as suas paixões, as suas ambições, o seu orgulho ferido, na ilusão de esperança de um poderio vaidoso!

Que descanse, pois, em paz, o Rei. Lisboa, Julho, 1932.

Tiago

Fazem anos

Em 11—Raul Cumano de Bivar Weinholtz.

Em 12—D. Carmen Roldan y Pego Ortigão.

Em 13—Francisco Viegas Louro.

Em 15—Dr. Artur Aguedo e Arminio Silva Santos.

Em 16—Dr. José Filipe Alvares e Jorge Euzébio da Fonseca.

Em 17—Dr. Miguel Ortigão.

Partidas e chegadas

De visita a seus paes e no goso de licença, encontra-se nesta cidade o sr. Francisco Leça da Veiga.

Estêve em Lisboa o nosso colaborador sr. Francisco Barros.

Encontra-se em Lisboa, vinda de Londres, a sr.^a D. Alice Aisberg Mendonça, esposa do sr. Antonio dos Santos Mendonça, gerente da Casa de Portugal naquela cidade.

Regressou a Faro, do norte, com sua esposa, o sr. dr. João Esquivel.

Volton de Lisboa o sr. Santos Gomes.

Retirou para Leiria, com sua esposa, o sr. engenheiro Verissimo de Souza, que ha anos prestava serviço nos caminhos de ferro do sul e sueste.

Partiu para Entre-os-Rios o sr. tenente Palma Ribeiro.

Encontra-se em Faro, de visita a seu cunhado sr. dr. José Filipe Alvares, a sr.^a D. Mariana de Almeida Lupi.

Com sua esposa e filha, regressou de Lisboa o sr. Emidio Dias Uva.

Foi a Lisboa o sr. Luciano Lopes da Ponte.

Foi a Setubal o sr. Virgilio Caiado.

Estêve em Lisboa o sr. Maximiano de Freitas Barros.

Está em Lisboa o sr. Antonio Bentes.

Pedido de casamento

Pela sr.^a D. Rosa Farrajota Rocheta, e para seu filho, o sr. dr. Manuel Rocheta, foi pedida, em casamento na passada terça-feira mademoiselle Maria Luísa Salter Belmarço, gentilissima filha da sr.^a D. Amélia Salter Belmarço, e do nosso presado amigo o sr. Vidal Belmarço.

Ha 44 anos

"O DISTRICTO DE FARO"

De 12 de Julho de 1888

No sabado fez acto do terceiro ano da faculdade de direito, ficando plenamente aprovado, o sr. Joaquim Franco de Vasconcelos Pereira de Matos, filho mais velho do nosso bom amigo sr. Antonio Pereira de Matos, tesoureiro pagador do cofre central deste districto. O estudioso academico regressou a Faro na segunda feira.

Pelos laços conjugaes uniu-se em Lagos o sr. Francisco Felix Cordeiro Junior com a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Amélia Correia de Freitas, virtuosa filha do falecido major reformado João Correia de Freitas.

Garage

Arrenda Francisco Guerreiro Afonso—FARO.

MINISTRO DO COMERCIO

Em viagem para Vila Real de Santo Antonio, passou ontem no rapido o sr. Engenheiro Sebastião Ramires, actual titular da pasta do Comercio, Industria e Agricultura.

A apresentar cumprimentos ao illustre algarvio, estiveram na gare desta estação entre outros os senhores: Presidente da Associação Commercial e Industrial desta cidade, Presidente da Comissão Distrital da União Nacional, Comandante Militar, Chefe do Departamento Marítimo do Sul, Comandante da Policia, Presidente da Camara Municipal e Presidente da Comissão de Iniciativa e Turismo de Faro.

Conselho Tutelar e Pedagógico dos Exércitos de Terra e Mar

DELEGAÇÃO N.º 35

Junto do Comando Militar de Faro funciona a Delegação n.º 35 do C. T. P. E. T. M. abrangendo as Comarcas de Faro, Loulé e Olhão.

Nesta Delegação prestam-se todos os esclarecimentos que necessitem os candidatos ás vagas que se derem no Colégio Militar, no Instituto Profissional dos Pupilos dos Exércitos de Terra e Mar e no Instituto Feminino de Educação e Trabalho para as quais está aberto concurso desde 1 de Julho até 20 de Agosto, devendo os requerimentos, acompanhados da respectiva documentação, dar entrada na secretaria do Conselho, até ás 16 horas do último dia do concurso.

FLORINHAS DO SUL

A direcção desta casa de caridade pede-nos para agradecer ao sr. capitão Rebeca a entrega do donativo de dois contos com que foi contemplada por um generoso anonimo.

Necrologia

Na casa de saude do Telhal, onde os infortunios da sua vida intima o fizeram recolher, acaba de falecer o nosso amigo sr. dr. Alberto de Moraes, juiz de direito aposentado, que ao nosso jornal prestou uma assidua colaboração, quasi desde o seu primeiro numero.

O dr. Alberto de Moraes, que residiu durante muitos anos nesta cidade, onde exercia o cargo de delegado do Procurador da Republica, era um compositor musical com muito merito e tradutor de peças teatraes que muito agradaram nos teatros de Lisboa.

E' com profundo pesar que noticiamos o falecimento do dr. Alberto de Moraes, a quem nos ligavam estreitos laços de amizade.

Faleceu em Lisboa, onde tinha indo sujeitar-se a uma operação, o sr. Mariano Guerreiro, tipografo do quadro da União, desta cidade.

Era bom artista e bom cidadão.

Vitimado pelo desastre que noticiamos no ultimo numero, faleceu nesta cidade o sr. Antonio Pereira Neto, proprietario da alfaiataria do seu nome.

No seu funeral incorporaram-se muitas pessoas das suas relações e das de seus filhos, a quem enviamos os nossos peza-mes.

VENDE-SE

MUITO EM CONTA. 2 Bilhares, Balcão e Estante, Cadeiras, Mezas, uma Instalação Electrica e diversos utensilios.

Quem pretender dirija-se a Sebastião Martins Seruca—FARO.

Officina Siderotecnica

Estrada da Circunvalação, 25—FARO
Consultas veterinarias ás quartas e sabados, das 15 ás 16 horas, pelo dr. Armenio França e Silva,

PIRSOL (Registado)

Estudos aturados e experiências variadíssimas levaram á descoberta do PIRSOL, poderoso insecticida absolutamente eficaz no exterminio de todos os parasitas das arvores e plantas e espécies pecuarias.

A formiga, a pinta amarela, a cochinilha e tantos outros parasitas que atacam as varias arvores de fruto, o pulgão e a lagarta das vinhas, o piolho do feijão, etc. etc., que tão aterrorisados trazem os lavradores, encontraram finalmente o poderoso combatente, graças á descoberta importantissima do PIRSOL.

E' tal a eficacia e utilidade do PIRSOL que os técnicos da especialidade o aconselham dia a dia em variadissimos jornaes e revistas agricolas do nosso País, não só porque o PIRSOL não contém quaesquer productos causticos nem tóxicos que queimem ou envenenem os vegetaes, mas, também, porque quaesquer frutos ou legumes mal lavados podem ser ingeridos sem o menor perigo para a saúde.

De simples preparação e de muito fácil applicação—o PIRSOL—(producto de descoberta e fabrico nacional) conquistou em pouco tempo um lugar de destaque entre os productos do mesmo género importados do estrangeiro, apresentando sobre eles a enormissima vantagem de não contém productos

que queimem ou envenenem os vegetaes e que, portanto, possam prejudicar-nos a saúde e a vida.

Comprovam em absoluto as nossas afirmações as referencias que transcrevemos, a seguir, escolhidas ao acaso das muitas que, por escrito, temos em nosso poder e á disposição do publico consumidor do producto:

«Iniciaram-se, aqui, experiências com o insecticida PIRSOL e, segundo verifiquei, deu resultados satisfatórios, matando a lagarta da couve e varios outros parasitas animais, sem prejudicar as plantas onde viviam».

(Do Instituto de Patologia Vegetal de Verissimo de Almeida - Lisboa.

«Assisti a experiências com o insecticida PIRSOL contra o pulgão e a lagarta das vinhas. Os resultados foram ótimos, pois que matando os insectos em nada prejudicou os vegetais tratados».

(a) José d e Calça e Pina da Câmara Mannel, director da Escola Pratica de Agricultura de Evora.

«Tinha uns canteiros muito atacados de piolho, appliquei o PIRSOL e verifiquei que todos os insectos atingidos morreram imediatamente».

(a) Antonio Joaquim Balsa—Evora.

«Utilisei o PIRSOL nos jardins e viveiros municipais desta cidade e fiquei maravilhado, com os resultados obtidos. Considero-o tão bom como o melhor insecticida estrangeiro».

(a) Carlos Eugénio d'Almeida, chefe dos jardins municipais de Portimão.

Etc., etc., etc.

PEDIDOS A

José Viegas Mansinho

TAVIRA

LANÇA AUTOMÁTICA DE JACTO CONTÍNUO—Sistema MOUTELA

Esta lança de jacto contínuo é a ultima palavra em aperfeiçoamento, satisfazendo todas as exigências do operador, presentando-se para diversas applicações. E' dotada de uma torneira reguladora, que se abre ou fecha conforme a precisão do jacto, prestando-se para pulverização de latadas altas, arvores de fruto, oliveiras, laranjeiras, roseiras, assim como para desinfeção de casas, lavagens de paredes, regas de jardins, pulverizações de vinhas, batatas, feijão, etc.

A gravura representa o modo de manejar; o liquido pode ser transportado num balde para qualquer parte que seja preciso fazer a operação, bastando mergulhar o tubo de borracha com o chupador no liquido começando, a friccionar, para logo dar o resultado desejado.

Preço completo a funcionar, com 2 metros de tubo de borracha, chupador em metal, torneira reguladora, boquilha repartidor

ESCUDOS 85\$00

PEDIDOS A

José Viegas Mansinho

TAVIRA

A' venda nas principais livrarias:

Guia-Album do Algarve

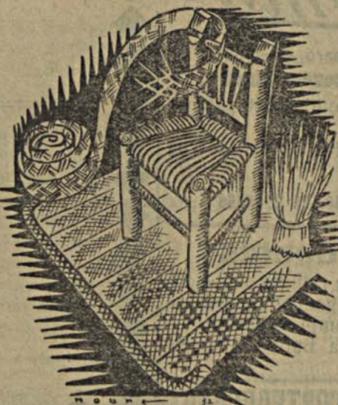
I Volume—SOTAVENTO

FARO

ALPORTEL

LOULÉ

OLHÃO



TAVIRA

VILA REAL

CASTRO

MARIM

ALCOUTIM

Coordenado pelo dr. Mario Lyster Franco

Com fotografias de Zambrano Gomes

PREÇO 7\$50

Enviai sempre os vossos telegramas para o Estrangeiro pela

“Via Eastern”

aquela que garante absoluta perfeição e rapidez



Emfim, férias!...

A variedade das diversões que vos esperam nestes meses de ar livre, merecem ser perpetuadas em fotografias «Kodak», que constituirão interessantes e vividas recordações.

Se desejardes os mais perfeitos negativos, nítidos, detalhados, reproduzindo com absoluta fidelidade os valores das maravilhosas tonalidades da Natureza—carregai o vosso «Kodak» com Pelicula «Verichrome», fabricada por um processo exclusivo da Companhia «Kodak».

«Verichrome» é agora fornecida, nos formatos 6x9 e 6 1/2 x 11 cm., com 8 exposições pelo preço de 6.

A qualquer hora...

Com qualquer tempo...



Pelicula «Verichrome»

KODAK, LTD. — Rua Garrett, 33 — LISBOA

Banco do Algarve

A Comissão Administrativo do Banco do Algarve, comunica a todos os interessados, que tem continuado intransigentemente na defesa dos legitimos direitos dos credores e que a convocação da Assembleia Geral e distribuição de acções e dinheiro, se não tem efectuado, já, por motivos estranhos á sua vontade, o que conta fazer brevemente.

Mais comunica que está inteiramente ao dispôr de todos os accionistas do Banco do Algarve, para prestar qualquer sôbre a marcha firme dos negocios do Banco e bem assim das percentagens que teem a receber em dinheiro e acções, afim de se orientarem devidamente sôbre operações que desejarem fazer sôbre os seus créditos.

Faro, 7 de Julho de 1932.

A Comissão Administrativa

Comarca de Faro

ANUNCIO

No dia 31 de Julho do corrente ano, pelas 13 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, no inventario orfanologico, por obito de Manuel de Sousa Canada, proprietario, morador, que foi, no sitio do Peral, freguezia de Estoi, e por deliberação do conselho de familia, se hão-de pôr em praça e arrematar a quem maior lance oferecer acima do valor da sua avaliação os seguintes bens, pertencentes ao casal inventariado:

Uma courela no sitio do Peral, freguezia de Estoi, com terras de semear e alfarrobeiras, denominado «Cerca da Eira», alodial, avaliado em 3.000\$00.

Uma courela no sitio do Peral, freguezia de Estoi, que consta de terra de semear com figueiras, alodial, avaliado em 3.000\$00.

Uma courela, denominada «Casas velhas», no sitio da Murta, freguezia de Estoi, que consta de terra de semear, com alfarrobeiras e figueiras, alodial, avaliada em 16.000\$00.

Uma courela de terra de semear, no sitio da Murta, freguezia de Estoi, alodial, avaliada em 3.000\$00.

Uma courela de terra de semear, mato, com alfarrobeiras, denominada «As Chãs», no sitio da Murta,

Carlos Pedro Cabrita

Médico-Cirurgião

CLINICA GERAL E PARTOS

Avenida J. C. Mealha

Telefone 45

LOULÉ

Consultas das 2 ás 4

Não mande executar os seus trabalhos tipograficos, sem consultar os preços da Tip. de «O Algarve».

freguezia de Estoi, alodial, avaliada em 6.000\$00.

Uma courela de terra matosa, no sitio do Serro de Manuel Viegas, freguezia de Estoi, alodial, avaliada em 800\$00.

Uma oitava parte dum monte, no sitio da Ladeira, freguezia de Santa Barbara, alodial, avaliada, a dita oitava parte, em 3.000\$00.

Um monte com casas de habitação e terra de semear, com alfarrobeiras e figueiras, no sitio do Peral, freguezia de Estoi, alodial, avaliada em 10.000\$00.

As despezas da praça e a respectiva Contribuição de Registo, por inteiro, ficam ao cargo do arrematante.

O Escrivão do 3.º officio

Bernardo José Ferreira

Verifiquei:

O Juiz de Direito substit.º

Justino de Bivar Weinholtz

OFICINA DE CANTEIRO E ESCULTURA

DE
ANTONIO TOMAZ RAMOS

Sucessor de José Maria Paulino Fernandes

Rua Miguel Bombarda, 7 a 15

FARO

Encarrega-se de todos os trabalhos
pertencentes á sua arte

Construção de jazigos e de todos os trabalhos
para construção de predios

FORNECIMENTO DE MARMORES PARA MOVEIS

Execução rapida perfeita e economica

Auto-Algarve, Limitada

(A mais antiga Empresa de Camionagem no Algarve)

Rua Horta Machado, 62

FARO

TELEFONE 232

CARREIRAS DE AUTO-CARS REGULARES E DIARIAS ENTRE:

Portimão, Silves, A. de Pêra, Albufeira
Loulé, Faro, Olhão, Vila Real e Lisboa

PEDIR HORARIOS E INFORMAÇÕES

Agentes dos acreditados Pneus

DUNLOP 'FORT'



Hotel Central

Grande Hotel

Telefone n.º 5

PROPRIETARIA:

Gregoria Gonçalves

CALDAS DE MONCHIQUE

ABERTOS DESDE 1 DE JUNHO

Reservam-se quartos

Diarias de 18\$00 a 25\$00

MOSAICOS

Optimo acabamento

Grande resistencia ao desgaste

**Emprego dos melhores
materiais**

Fabrica especial da

**Empresa Fabril
do Algarve, L.ª**

FARO

Farinha Peitoral Ferruginosa

A mais barata de todas as Farinhas e a mais recomendada pelos Medicos
A mais conhecida como mais eficaz para restaurar as forças, dar saúde e
especialmente para alimentação de

Creanças, Adultos e Convalescentes

A venda em todas as Farmacias, Drogarias e Mercenarias

DEPOSITO GERAL EM BELEM NA

Farmacia Franco, Filhos

Quem dá valor aos seus olhos pede
expressamente ao oculista vidros



Aos nossos estimaveis clientes desta cidade
e do resto da provincia, participamos que acaba
de nos ser confiada a representação da casa
Zeiss, tendo já á venda um completo sortido
de lentes daquela casa, universalmente conhecida,
tanto para oculos, lunetas e lorinhons,
como para o avio de receitas medicas,



ANTIGA CASA

RIBEIRO & SERRA

Rua Ivens, 26—FARO

Vinho Nutritivo de Carne

O melhor e o mais recomendado pela Medicina, como tónico reconstituinte,
evanta forças, dá robustez, e é empregado com êxito por todos os convalescentes

A' venda em todas as Farmacias e Drogarias

DEPOSITO GERAL

Farmacia Franco, Filhos

Rua de Belem, 18 a 22—LISBOA

TIPOGRAFIA

— DO —

ALGARVE

Esta casa, que não tem a concorrência das suas concorrentes,
garante aos Ex.ºs clientes a máxima perfeição e rapidez em todos
os trabalhos tipograficos, taes como: jornaes, livros, memornaduns,
papel timbrado e envelopes, etc. etc.

Impressões a cores

Tambem se aceitam encomendas
fornecendo o freguez o papel

Atendem-se quaesquer pedidos
que, de toda a parte da provincia
os ex.ºs clientes necessitem, os
quaes serão satisfeitos com
a maxima rapidez

Quem tiver amor ao dinheiro o tenha
gosto, deve procurar quem melhor
e mais barato o sirva

Quereis dinheiro

Jogae no

Gama

Rua do Amparo, 51—LISBOA

Preços concorrentes

Pelo correio mais \$80 para registo.

Atende todos os pedidos da provincia.

Sempre sortes grandes

Estudantes

Recebem-se estudantes e comensaes. Alugam-se quartos a
preços sem competencias.

Dirigir á rua Baptista Lopes
n.º 71 FARO

AFRICAS PORTUGUESAS

Manuel Guerreiro Matias
representante das Companhias Nacional e Colonial
de Navegação, encarrega-se de passagens em
todas as classes e documentações para as nossas
Colonias.

Rua Conselheiro Bivar, 59

FARO 161

Quarto Mobilado

Aluga-se na rua Antonio
Cabreira, 10—FARO

Cimento LIS

Empieza de Cimentos de Leiria

Cimento branco LAFARGE para imitação
de pedra de cantaria

Agente e revendedor

Empresa Fabril do Algarve, L.ª

—:— FARO —:—

Recebem-se

Recebem-se alunos ou alunas do liceu. Bom tratamento. Avenida da Republica 72—FARO

Recebem-se

Alunos ou alunas em casa de pessoa séria. Rua Capitão-Mór n.º 5—FARO

FARINHAS

E

SEMEAS

Das fabricas

Moinhos Reunidos, L.ª

SABÕES

Da fabrica

Dias Ferreira, L.ª

Optimas qualidades. Os melhores preços

DEPOSITARIOS:

GRAÇA & MARTINS, L.ª

Rua Vasco da Gama, 18—FARO

Xarope Peitoral James

Eficaz em todas as tosses, as mais rebeldes, bronquites cronicas
e agudas, etc. — A' venda em todas as Farmacias e Drogarias

DEPOSITO GERAL

FARMACIA FRANCO, BELEM

Rua de Belem, 18 a 22—LISBOA

Casa Ferreira

Rua de Santo Antonio-92

FARO

Instalações electricas

Material do melhor

Modicidade nos preços

Unica casa revendedora

da lampada OSRAM

Cabine telefonica publica

ANIBAL MARTINS CAIADO

Casa Bancária

76—Rua Conselheiro Bivar—78

FARO

**Depositos á ordem
e a praso
creditos em conta
corente**

Descontos, letras á cobrança e transferencias

FILIAL EM LOULÉ

Correspondentes nas principaes praças do país

Telegamas Caiados

Telefone 160